

RESUMO - ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADES EM EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA

**PERSPECTIVA IMAGÉTICA DAS MENINAS/MULHERES NEGRAS NOS
LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA: O QUE MOSTRA A AUSÊNCIA?**

Joelma Dos Santos Rocha Trancoso (jhoelmasrocha@gmail.com)

Célio Moacir Dos Santos (moacircelio@gmail.com)

A pesquisa em análise lança luz sobre a representatividade racial e de gênero em livros didáticos de matemática, sublinhando a marginalização de contribuições de afrodescendentes e a sub-representação do gênero feminino, com especial atenção às meninas/mulheres negras. Buscamos examinar as representações de gênero e seu impacto na percepção de identidade e capacidade matemática, através da análise qualitativa de quatro obras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/MEC) adotados nas décadas de 1990, 2000, 2010 e 2020 pela rede municipal de educação da Serra no Espírito Santo. Esse estudo se justifica pois, como já denunciado por Lélia Gonzalez (1979), na sociedade brasileira gênero e raça são objetos de manipulação para manutenção do poder. Assim a investigação adota teorias críticas, perpassando pela epistemologia afrocentrada, para analisar como o currículo e os livros didáticos representam ou omitem a contribuição africana e afro-brasileira na matemática. Os dados do campo imagético são reveladores: na década de 1990, das 220 representações humanas, apenas 38% eram femininas; na década de 2000, a representação feminina caiu para 36,38%; seguida de um leve aumento para 38,98% na década de 2010, e 37,85% na década de 2020. Quanto à representação de mulheres negras, os números nos mostram dados

preocupantes, essas representam a média de 21% do universo feminino já sub-representado ao longo das quatro décadas. Do total de imagens humanas dos livros analisados os números referentes ao gênero feminino negro são ainda mais desoladores. Entre as décadas de 90 a 2010 se mantiveram entre 6% a 7% tendo aumento para 13,04% na década de 2020. Uma disparidade evidente ao se levar em conta as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2022) que retrata as mulheres negras como o maior grupo populacional, 60,6 milhões correspondendo por mais de 28% da população total. Os achados destacam a omissão da imagem feminina negra e a prevalência de imagens e narrativas que perpetuam estereótipos raciais e de gênero limitando o reconhecimento das meninas negras como sujeitos capazes na matemática. Observa-se a manutenção do imaginário social daquele que pode aprender e/ou ter domínio dessa ciência como predominantemente corpos masculinos e brancos. Esta representação eurocêntrica reforça normas sociais e atributos como racionalidade e inteligência, solidificando o privilégio dessas figuras e padrões que marginalizam outras vozes e perspectivas. A análise evidenciou não apenas um desequilíbrio na representação visual, mas também uma significativa omissão das contribuições matemáticas de africanos, sem distinção de gênero. Assim o estudo destaca a urgência de promover uma educação matemática verdadeiramente inclusiva, que espelhe a riqueza da diversidade cultural e de identidades. Ressalta-se a importância de incluir modelos femininos negros em contextos matemáticos, para ampliar sua visibilidade e relevância, combatendo assim as barreiras de racismo e sexismo. A pesquisa conclama por materiais educativos que valorizem a diversidade e assegurem igualdade de oportunidades para todos/todas os/as estudantes, como uma das estratégias para superar as disparidades educacionais.

Palavras-chave: livro didático; educação matemática; gênero e raça; matemática e cultura.